

# O SUPLANTAR DA CULTURA MUSICAL MIDIÁTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE REDENÇÃO NO PROCESSO FORMATIVO DO PROFESSOR

SILVA, Valmir da – UFSM  
[silvadoril@mail.ufsm.br](mailto:silvadoril@mail.ufsm.br)

CARVALHO, Elvio de - UFSM  
[elviocarvalho@hotmail.com](mailto:elviocarvalho@hotmail.com)

AREND, Carline S. – UFSM  
[Ruivinha1986@gamil.com](mailto:Ruivinha1986@gamil.com)

Eixo temático: Profissionalização Docente e Formação  
Agência Financiadora: PIBIC

## Resumo

O trabalho de pesquisa investigou a cultura musical midiática no contexto escolar como alternativa pedagógica na prática do educador, considerando que a cultura musical poderia servir como estratégia para analisar: gosto, conceitos, valores, comportamentos, assim como, classe, gênero e identidade do cotidiano cultural do aluno. Nesse sentido, compreender criticamente a cultura musical, largamente difundida pelos meios de comunicação de massa, além de ser uma necessidade, é também um compromisso do educador frente ao desenvolvimento crítico e intelectual do educando, conduzindo-o a uma interpretação crítica cultural, visualizando as relações de poder e resignação nela existente. Para desenvolver este trabalho observamos durante um semestre o comportamento e gostos musicais dos alunos de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Maria RS, comparando estas manifestações com o que as mídias estavam veiculando naquele período. E ao mesmo tempo acompanhamos alguns trabalhos de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental que envolvia gêneros musicais. Para desenvolver o trabalho de investigação nos utilizamos além das observações materiais teórico de autores que vieram a nortear a pesquisa. Entre eles, Adorno (1989), Horkheimer (1963), Nogueira (1996), Schaefer (1995), Snyders (1992) e Fadul (1993). Nesse sentido o trabalho de pesquisa procurou abordar questões da relação entre o ouvinte e a música transmitida pela mídia, considerando que as mudanças nas formas de recepção e transmissões musicais acarretadas pelos avanços tecnológicos contribuem para a formação de hábitos culturais dos sujeitos. Esse trabalho procurou analisar os processos de industrialização, comercialização e consumo, assim como, as possíveis conseqüências da apropriação dos ritmos, sons e melodias da música no contexto escolar.

**Palavras chave:** Cultura musical; educação; prática e formação docente

## **Cultura musical midiática**

A todo momento na mídia há um novo lançamento, seja de grupos de pagode, sertanejos, funk etc, e o gosto musical de professores e alunos pode estar sendo influenciado em grande parte por esta mídia. Nesta direção, seria importante indagar: como a escola está trabalhando o conteúdo da música de forma que possibilite ao aluno um conhecimento musical significativo a partir de suas vivências? Será que a escola está apenas reforçando e avalizando a imposição massiva de um determinado padrão cultural? Como são trabalhadas as informações oriundas das vivências rítmicas, sonoras e musicais empíricas das crianças, em especial as que se originam das emissões midiáticas?

Sendo assim, desenvolvemos com este trabalho algumas idéias sobre o tema “cultura musical midiática” e algumas questões particulares como: a apropriação dos objetos culturais midiáticos, no caso a música, pela escola; o papel da mídia na socialização de crianças e adolescentes; a ênfase dos autores no pólo da recepção; a Indústria Cultural e os aspectos contraditórios no que se refere à veiculação musical; e as possibilidades do uso dessas veiculações midiáticas como forma de educar musicalmente.

### **Produção e inserção midiática musical no espaço escolar**

Nos trabalhos realizados junto à escola, percebemos que existe uma cultura em trabalhar a música sistematizada, especialmente as cantigas tradicionalmente ligadas às datas comemorativas bem como, as designadas às rotinas escolares, principalmente na Educação Infantil. Também observamos nas demais séries, que é comum os alunos dublar e imitar os gestos e requebros de artistas de TV com o consentimento e incentivo dos professores. Dessa forma, coexiste o consumo acrítico do que é transmitido pela mídia e as “cantigas escolares” com forte apelo prescritivo, moralista e cívico. O problema situa-se justamente nessa prática da música na escola básica que encarrega-se de informar, um lado pela mídia, de outro por uma “tradição cultural musical” entranhada no espaço escolar.

Durante nossas observações percebemos claramente esta relação com a música entre alunos e professores. Na Educação Infantil as cantigas sinalizavam a hora da soneca, do lanche da brincadeira, da religiosidade, da fila etc. Nas séries iniciais as canções folclóricas e datas comemorativas. Já no Ensino Fundamental predominava as músicas de sucesso na mídia,

novelas, grupos de pagode, funk e grupos românticos. Nesse caso, os jovens consumiam a música pelo contágio da melodia e ritmo, seguido da letra engraçada, provocante, romântica ou de contestação. Quanto mais maliciosa a letra mais popular a música se tornava, em determinados grupos de alunos, e o professor consciente ou inconscientemente nas suas práticas que envolvia a música como ferramenta auxiliar, acabava utilizando muitas vezes este mesmo estilo musical. Em nem um momento da pesquisa percebemos movimento por parte dos educadores em provocar os alunos a uma reflexão sobre o conceito de cultura musical.

Nesse processo cabe-nos refletir que formação deve ter o professor nas Licenciaturas, pois acreditamos que sem o aporte teórico crítico das artes e da cultura estética pode o educador não responde adequadamente a uma visão reflexiva e consciente do que se consome enquanto receptor midiático. Tal abordagem requer a compreensão de que hoje as crianças nascem, crescem e se desenvolvem num ambiente cultural repleto de tecnologias da comunicação que informam e formam sobre modos de ser, de agir, de se relacionar, enfim, de escolher livremente os produtos de entretenimento oferecidos pela Indústria Cultural.

De acordo com Almeida é necessário discutirmos o fato de que hoje, vivenciamos uma cultura escolar de conteúdos, normas, saberes, textos, diferente da cultura existente, produzida na sociedade em geral. Uma educação sistematizada, organizada em currículos, métodos, séries, etapas, fases, e cultura “falam de si e entre si coisas distintas” (ALMEIDA, 1994, p.13). Nesse sentido, essa discussão vai além quando entra no aspecto da aprendizagem que a escola parece desconhecer essa realidade audiovisual que forja sujeitos com outras habilidades e novas sensibilidades para aprender que já não dependem tanto do conhecimento fonético-silábico da língua e estão intrinsecamente ligadas à cultura do som e da imagem. O professor em suas práticas poderia fazer uso dessa cultura e organizar os conteúdos curriculares, possibilitando assim, além do ensino elaborado conhecimento sobre valores éticos e estéticos.

Essa formação de um sujeito crítico, sensível, capaz de ler os textos e o mundo, aberto às experiências estéticas, à fruição, ao gozo artístico passa por um processo de humanização que é sem dúvida social. Segundo Engels,

“os sentidos do homem social são diferentes dos do homem que não vive em sociedade. Só pelo desenvolvimento objetivo da riqueza do ser humano é que a riqueza dos sentidos humanos subjetivos, que um ouvido musical, um olho sensível à beleza das

formas... se transformam em sentidos que se manifestam como forças do ser humano e são quer desenvolvidos, quer produzidos... a formação dos cinco sentidos representa o trabalho de toda a história do mundo até hoje” (MARX ENGELS, 1986, p.25).

Nesse sentido, o professor a partir desses conceitos poderia provocar e envolver os alunos numa discussão tendo como perspectiva a riqueza dos sentidos humanos. Uma possibilidade seria trabalhar a subjetividade do sujeito no mundo globalizado sob a égide do capitalismo radical. “Onde a cultura dominante é o consumismo, no qual o individualismo chegou ao paradoxismo do narcisismo social, muito bem expresso nas publicidades de produtos para a beleza e a elegância, que identificam felicidade com mercadoria” (BELLONI, 1999, p.8). Isto significa que a cultura globalizada está em plena ação com a produção mundial da cultura jovem não só de produtos como: tênis, jeans etc., mas de produtos e identidades culturais.

### **O que dizem sobre emissão/recepção midiática**

Em conformidade com Martin e Barbero, (1998), há que se considerar a empatia existente entre os jovens e os audiovisuais, uma espécie de “cumplicidade expressiva”, uma sintonia entre velocidades, fragmentações, sonoridades dos relatos e das imagens que estão presentes também no cotidiano. Essa “cultura a domicílio” tem a ver com o idioma e os ritmos dessa juventude. Esse aspecto não pode ser desconsiderado ao se analisar os processos de emissão-recepção midiáticos. A criança e o adolescente não é um telespectador vazio, passivo, pelo contrário, atua junto com o meio: canta, dança, faz gestos, rebola, acrescenta novos movimentos, satiriza e até mesmo se projeta como possível representante legítimo desta ou daquela cultura.

Dessa forma, Evidencia-se a necessidade da mediação escolar na recepção televisiva, no sentido de compreender como se processa a apreensão do discurso televisual já que diante da polidiscursividade da TV “o telespectador não desenvolve uma relação homogênea e unívoca, mas sim diversificada, com expectativas e gostos diferenciados. Não deveríamos portanto falar da relação com a TV, mas das múltiplas relações com a TV” (SHAEFER, 1995, p.152). A constatação da pluralidade de significados possíveis de serem apreendidos e construídos no decorrer da emissão e recepção midiática “possibilitaria uma compreensão mais orgânica e menos determinista dessa relação. A escola não deve competir com a TV, mas travar com ela um jogo dialético”, (PRETTO, 1996 p. 61). Cabe aprofundar essas considerações enfatizando as contradições inerentes à Indústria Cultural enquanto indutora do que vemos, ouvimos, gostamos

ou deixamos de ver, ouvir e gostar e os limites dessas formulações no que diz respeito especialmente à música na escola.

### **Indústria Cultural: mídia musical na escola**

A citação de Adorno (1989) referenda o conceito de Indústria Cultural estabelecido juntamente com Horkheimer (1963) em demonstrar que o debate sobre a influência da mídia, na produção social do gosto no interior da sociedade capitalista não é recente.

Se perguntarmos a alguém se "gosta" de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos furtar-nos à suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar e não gostar. Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo. (ADORNO, 1989:79-80)

Nesse sentido, o ouvinte consumidor defende sua posição de apreciador da música, porém, sua afinidade com a escuta perpassa pela interferência do fetichismo. Entre eles, segundo Adorno, está o ouvinte emocional usa a música como uma espécie de álbum de memória sonora para os momentos de emoções marcantes da sua vida. Sua experiência na escuta tem primeiramente que se remeter a algum acontecimento externo a música. É comum ouvir desse sujeito: “essa é a música, que marcou nosso primeiro beijo, meu amor”, “essa música lembra minha infância”, etc. E assim o indivíduo vai significando sua vida com uma trilha sonora característica e particular. Nesse sentido, a música que mais o agrada é aquela que mais bem revive as suas emoções. Por conseguinte, quanto mais coisificada for a música, melhor servirá para comover o seu ouvido romântico.

O ouvinte ressentido é aquele que guarda o seu ouvido no mausoléu da antiguidade daquilo que estima como resquício musical. Esse sujeito adoraria ter nascido na época dos grandes mestres da história da música, no tempo que, segundo ele, as músicas eram regenciadas por valores legitimamente artísticos. Defende a interpretação musical de acordo com a história autêntica, desconsiderando outras possibilidades de escutar diferentes versões que diferencie a sua música. O que se pode aferir desse sujeito é que ele se utiliza da música como um escudo sonoro para se blindar contra a possessão do fetichismo na música.

O ouvinte de entretenimento é o indivíduo que foi convertido pelos valores ideológicos do fetichismo. Ele consome o que a Indústria Cultural estabelece e, com isso, assegura o gordo lucro da Indústria Cultural. O seu desejo pela música se adaptou ao alto rodízio da moda, que na sua

essência, se fortalece pelo consumo de massa. Ele faz parte do grande público alvo do mercado, que pode ser usual para se explicar os inúmeros veículos midiáticos usados como estratégias de marketing. Sua relação com a música é de caráter operacional, ele agrega o ouvir música com as ocasiões de lazer. Quando afrontado pela música que exige reflexão, ele se opõe com intensidade buscando argumentos para justificar a sua atitude fidedigna nos meios de comunicação e no gosto da maioria como comprovação dessa validade. Desse modo, ele consentiu em aceitar pacificamente o totalitarismo das mídias a favor de um suposto conforto que se sustenta numa exoneração do pensamento auto-crítico.

Essas são questões hipotéticas levantadas por Adorno para caracterizar não indivíduos incondicionais, mas determinados comportamentos recorrente que muitos sujeitos costumam seguir em seus hábitos de apreciação da música. Diante destas hipóteses levantadas por Adorno, até que ponto se cobraria da escola e do professor, a responsabilidade de trabalhar criticamente a cultura musical no contexto escolar?

(FADUL, 1993, p.53-54) reflete sobre o conflito existente entre escola e meios de comunicação de massa, assim como, escola e Indústria Cultural, propondo sua superação, pontuando o fato de que todas as informações contemporâneas são midiaticizadas pelos meios massivos e pela Indústria Cultural.

Nesse mesmo viés, (SNYDERS, 1992, p. 6 e 26) fala da necessidade de guiar os estudantes na caminhada escolar rumo ao conhecimento musical "de alto nível" a partir da posse tanto "de suas culturas primeiras quanto das culturas de massa". Esse autor defende a escuta, por parte dos alunos, de obras elaboradas como: Bach, Beethoven, entre outros, obras primas consagradas, a partir de várias estratégias, segundo ele,

"o professor pode levá-los a exprimirem-se, sobre o papel da música no cinema e na TV, sobre como ela modifica as impressões suscitadas pelas imagens, pode levá-los a falarem também sobre a música de que gostam, sobre como a sentem e sobre aquela que a escola propõe... O primeiro passo será escutar ou cantar mais ou menos as mesmas coisas ouvidas fora da escola: obras das quais os alunos já gostem, que não os choquem" (SNYDERS, p. 6, 26).

Nessa discussão acreditamos que o educador deveria procurar compreender os aspectos contraditórios da mídia em relação à música na escola, argüido do entendimento de que ela é um modelo de produção dos bens culturais numa sociedade capitalista, podendo assim, trabalhar

criticamente uma possível emancipação política e cultural do aluno na sociedade, a partir de diferentes estilos e padrões musicais.

### **Inserção das emissões musicais midiáticas na escola**

Acreditamos que escola enfrenta mais este desafio: o de constituir-se em espaço de mediação entre o aluno e esse ambiente tecnificado e povoado de máquinas que lidam com a mente e o imaginário. Nesse sentido, cabe à escola não só assegurar a democratização do acesso aos meios técnicos de comunicação mais sofisticados, mas ir além e estimular, dar condições, preparar as novas gerações para a apropriação ativa e crítica dessas novas tecnologias.

A(LMEIDA, 1994, p.16), afirma que a transmissão eletrônica de informações em imagem-som propõe uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual, não só pelo conhecimento fonético-silábico das nossas línguas, mas pelas imagens-sons também. Nesse sentido o som das telenovelas, por exemplo, é apropriado e reapropriado pelos educandos e usado como forma de leitura, conhecimento e vivência no seu cotidiano.

Um autor que defende veementemente a presença da música emitida pela mídia na escola é (BRESSAN, 1989 p.37). Ele questiona a crítica feita a essa música como de "mau gosto" representativa de "analfabetismo artístico", segundo suas críticas,

"Acontece, porém que é isso que o povo canta e curte; e não serão nossas esporádicas aulas de canto ou de iniciação musical, nas escolas, que, em contrapartida, imprimirão aquele pretensioso cunho artístico, previsto pelos currículos, na alma do povo, como uma alternativa positiva contra a nefasta influência dos meios de comunicação. (BRESSAN, 1989 p.37).

O mesmo autor ainda nos diz em relação às críticas feitas à música de consumo e comercial que “é também essa música que leva as crianças a cantar, cantarolar tal qual acontece com as suas garatujas, no desenho e na pintura”. Faz referência à riqueza representada pela mídia em geral, pela possibilidade de acesso e enfatiza que é necessário capacitar o professor “para aperfeiçoar todo esse repertório que crianças e adultos cantam” (BRESSAN, 1989 p.39).

Nessa mesma linha de raciocínio, Marinho (1993) desafia os educadores a observar o óbvio: “nossos alunos ouvem e cantam os produtos da mídia e a escola na maioria das vezes ignora essa realidade”. Nesse sentido, Marinho afirma que,

"talvez já seja hora de acabar com um certo ranço pedagógico e uma certa pseudo-intelectualidade de achar que tudo o que tem gosto de chicletes, cheiro de Esso e barulho

de Pan-Am faz mal para a cabeça e para o coração. O que se quer aqui é apenas fazer uma alerta no sentido de eleger a Escola como espaço privilegiado para o diálogo e veículo dinâmico de informações. *Rock é cultura pop* e popular. Existe há mais de 30 anos e vive como corpo clandestino nos bancos escolares” ( MARINHO, 1993 p.30).

O trabalho mais recente sobre o tema é o de (NOGUEIRA 1998, p.51 e 53) que faz um estudo sobre a questão do "gosto" musical como produto da "engenharia de marketing da indústria fonográfica". Diz que "é preciso admitir o papel preponderante que as mídias desempenham na escolha musical da população”.

Ela reforça o fato de que esse assunto parece ter pouca relevância para as instituições educacionais e culturais, um exemplo é a atenção que dão as "belas artes" e "quase nunca dizem ou fazem nada em relação às culturas modernas: o rock, os quadrinhos, as fotonovelas, os vídeos, enfim, os meios em que se movem o pensamento e a sensibilidade das massas, bases estéticas da cidadania", (p.53-54). O referido autor considera que os professores são consumidores do mesmo tipo de música e assim, atuam como reforço aos padrões musicais dos seus alunos. Chama atenção para a formação destes professores, e para a necessidade de, nos cursos formadores se incrementarem estudos sobre formação estética, mídia e consumo, (p.57).

Nesse sentido, acreditamos que a partir de um desvelamento crítico é possível colocar em evidência parâmetros para o reconhecimento de uma música de valor artístico imposta pela mídia de massa. Segundo Arendt (1972), para se considerar uma música de cunho artístico e não um bem de consumo ela deveria, por exemplo, conter as seguintes características: “capacidade de suportar o processo vital do tempo e de encerrar a possibilidade de se tornar um pertence permanente do mundo” (ARENDR, 1972, p. 258). Ainda segundo o pensamento do autor, a experiência de fruição pode ser perpetuada através dos séculos, o prazer que a música transmite ao espírito se renova a cada audição, ela desperta a crítica, a análise reflexiva e a sua escuta é mais ativa do que passiva. Tudo isso poderia ser resumida em uma só palavra, ela é possuidora daquilo que o grande pensador Walter Benjamin denominou de “aura” (BENJAMIN 1955, p. 14), em outras palavras, é algo vivo, movente e composta de toda uma singularidade única.

### **Considerações finais**

O tema “cultura musical midiática” pode ser percebido como uma possibilidade para o despertar crítico do aluno. Essa proposta de trabalhar conceitos e gostos musicais no contexto escolar pode ser uma alternativa pedagógica permitindo não só ampliar a qualidade do ensino,



mas também promover a emancipação crítica e estética do educando, quando bem trabalhadas em todos os seus aspectos. Também é preciso considerar que a cultura musical está intrinsecamente ligada às expectativas das novas gerações que possuem uma sensibilidade mais audiovisual, resultante contato com as imagens e sons da cultura midiática.

Nesse sentido, entendemos que existe a necessidade de se pensar no conhecimento erudito, historicamente acumulado, como um direito de acesso às camadas populares, que têm na escola a única possibilidade de elevação do patamar cultural. No entanto, ignorar e até mesmo desconsiderar a cultura que nos circunda, via emissão midiática, em especial à música, é manter uma postura elitista, fechada, que considera tudo o popular inculto, vulgar, de mau gosto, contribuindo para um círculo vicioso no qual se ouve o que gosta e gosta do que ouve de modo passivo e acrítico.

Acreditamos que o educador deve se apropriar da música veiculada pela mídia através de um trabalho crítico e consciente, fundamentado em conhecimentos teóricos em suas diferentes dimensões culturais. Desenvolvendo com isso, um trabalho de ensino que estabeleça pontes, preencha lacunas, construa significados entre os objetos culturais midiáticos e o saber elaborado. Para finalizar, não poderíamos deixar de enfatizar um dos aspectos fundamental nesse trabalho, a formação do educador, pois, sua formação como profissional crítico, comprometido produtor e criador de objetos pedagógicos nos espaços adequados de ensino e educação através de uma prática séria e consistente sobre cultura midiática, arte em geral e música em particular. E para o educando fiou o desafio de inicialmente desempenhar um posicionamento crítico no que se refere ao seu costume de consumir e de ouvir. Nesse sentido, Adorno sugere uma escuta que não espere somente resultados imediatos em conformidade com os padrões estabelecidos pela Indústria Cultural, mas, o rompimento da dependência dos meios de comunicação de massa como fonte prioritária para a escolha musical. Para isso, o sujeito deve ir além do que é naturalmente óbvio e do que não exige esforço.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **O fetichismo da música e a regressão da audição**. In: HORKHEIMER, Max, DORNO, T. W. Textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p.79-105.

- ARENDDT, H. A Quebra entre o Passado e o Futuro. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979. p. 28-42.
- ALMEIDA, M. J. **Imagens e sons - a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BELLONI, M. L.. **Da tecnologia à comunicação educacional**. 22ª ANPED, 1999.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: *Obras Escolhidas*. v. 1: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. p. 5-25.
- BRESSAN, W. J. Educar cantando: **a função educativa da música popular**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FADUL, A. M. **Indústria cultural e comunicação de massa**. São Paulo: IDÉIA,. 1993.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Teodor. **A Indústria Cultural – o Iluminismo como mistificação das massas**. In Teoria da Cultura de Massa. São Paulo: Paz e Terra 1963.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.
- MARINHO, J. M. Rock: **Um garoto sem vaga na escola**, São Paulo: IDÉIAS, 1993.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Cidade virtual: novos cenários da comunicação** in Comunicação & Educação. São Paulo, 1998, jan./abr., p.53-67.
- MARX - ENGELS. **Sobre Literatura e Arte**.3. ed. São Paulo: Global, 1986.
- NOGUEIRA, M. A. Música, **Consumo e Escola: encontros possíveis e necessários**. 21ª reunião anual da ANPED, 1998, GT Educação e Comunicação.
- PRETTO, N. L. **Uma escola sem/com futuro - educação e multimídia**. Campinas: Papirus, 1996.
- SCHAEFER, M. I. O. **A mediação escolar na recepção televisiva: um estudo**  
das representações sobre AIDS, construídas por adolescentes de Florianópolis a partir  
das campanhas de TV in Perspectiva - Educação e Comunicação. Florianópolis-SC,1995, ano 13,  
nº 24, p. 145-159.
- SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.